

O foco narrativo em *A Hora da Estrela*

Maria de Lourdes Ferrari Horta
PUCRS

EDIPUCRS

- IBAÑOS, Ana Maria T. (Coord.).
Cadernos de Trabalho do DLE. 1999, 140 p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 - Porto Alegre - RS/BRASIL
<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>
E-mail edipucrs@pucrs.br
Fone/Fax: (51) 320.3523

A maneira como o ficcionista narra a história é a opção que esse faz para contá-la. Dependendo da pessoa verbal utilizada pelo narrador essa pode interpretar a plenitude ou a negatividade da existência do homem no tempo e no espaço. O escritor é o ser determinado, socialmente diferenciado, que cumpre o ofício de redigir histórias fictícias para o desfrute e o aprimoramento cultural do leitor. O narrador é o contador das histórias, ao qual o escritor transfere a incumbência de narrar. No ato de escrever a narrativa, o escritor se desdobra numa terceira pessoa, que assume a função de relatar, de forma que o "eu" do narrador não se confunde com o "eu" do escritor. Este perde sua individualidade civil para ganhar um outro "eu", tão inventado quanto as histórias narradas. A voz que fala é a do escritor, por meio da voz alheia, criada para a ocasião e de acordo com o que pretende no momento. Segundo Philip Stevick (em *The theory of the novel*, 1967) "em qualquer romance o nosso entendimento do ponto de vista determina em larga medida a nossa percepção do sistema de valor e o complexo de atitudes de um romance. Efetivamente, de certo modo o nosso juízo de valor de um romance depende de nossa concepção do seu ponto de vista". A cosmovisão do escritor se manifesta por meio do ponto de vista, do ângulo visual determinado que pode deformar ou informar, tudo o que contém um texto narrativo. Conforme sejam as concepções éticas de um autor, assim será o ponto de vista empregado nas suas obras.

No modernismo, a voz narrativa explícita traduz a total objetivização do ser, sua incapacidade de reencontrar-se com a essência e, simultaneamente, revela a desordem reinante no mundo e na sociedade.

A visão do narrador contribui para a dissolução da personagem em abandono integral, ou para a elevação do ser humano, mediante sua autodescoberta, mediante a revelação da essência.

Segundo Roland Barthes, "quem fala (na narrativa) não é quem escreve (na vida) e quem escreve não é quem é". O autor pertence ao mundo da realidade histórica; o narrador, ao universo ficcional, um universo imaginário: entre os dois mundos há analogias e não identidades.

O processo da enunciação dentro do texto literário, na maioria das narrativas, está camuflado, pois o narrador raras vezes se apresenta como tal, identificando-se numa personagem.

Em *A hora da estrela* o foco narrativo, por implicações estéticas e formais, é o monólogo interior à quebra da ordem causal exterior, das oscilações do tempo como "duração" para desfilar a ação romanesca e do enredo – a perspectiva da introspecção, comum à novelística moderna. Mas o foco narrativo não é fixo, detido na exploração dos momentos de vida, mas sim introspectivo transmitido por meio de um jogo de identidade da ficcionista consigo mesma e com os seus personagens.

De acordo com a particularidade do foco narrativo, há uma valorização do tratamento do tempo – cronológico e psicológico – que se refere ao autor/narrador.

A figura de Rodrigo S. M. , discutindo a função do escritor, desmascara o processo da escrita.

O narrador quer sobrepor à camada objetiva do tempo que transcorre uma outra subjetiva, que ele próprio domine. Assim, reivindica o "eterno presente"- uma fantasia, claro – já que o tempo e a narrativa têm seu inevitável caminhar.

Quero acrescentar, à guisa de informações sobre a jovem e sobre mim, que vivemos exclusivamente no presente pois sempre e eternamente é o dia de hoje e o dia de amanhã será hoje, a eternidade é o estado das coisas neste momento. (p. 32-33)

Em *A hora da estrela* temos um autor identificado e nomeado, Rodrigo S. M., que, confundindo-se com a figura do narrador, escreve a história da personagem Macabéa. Ao narrar as aventuras da personagem, fala de si mesmo, transformando-se, então, também em personagem do texto. Assim, tem o texto a personagem narrada em terceira pessoa (ela, Macabéa) e um escritor-narrador personagem narrando-se em primeira pessoa (eu, Rodrigo) :

Como eu irei dizer agora, esta história será o resultado de uma visão gradual – há dois anos e meio venho aos poucos descobrindo os porquês [...] Como é que sei tudo o que vai se seguir e que ainda o desconheço, já que nunca o vivi? É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. (p.26)

Na verdade, Rodrigo S. M. é "Clarice Lispector". Então, nesta obra ela, a personagem Macabéa, ele, o narrador – personagem Rodrigo, e ela, a escritora que se desmascara, Clarice Lispector.

Os textos de Clarice estão centralizados fundamentalmente na busca e revelação do perfil da personagem feminina. A voz que narra, é a feminina, que narra conflitos existenciais e psicológicos das personagens e que muitas vezes se funde ao pensamento delas, criando um texto em que o narrador, quase abdicando de ser a instância diretora e externa do texto, vê e analisa o mundo com a personagem, por meio de seus olhos e de sua experiência interior. É o foco narrativo onisciente seletivo.

O narrador assume, durante a narrativa, três formas diferentes de presença. Cada uma dessas formas para chegar a uma construção coesa da história.

Na primeira história, através do monólogo do narrador tem-se o fio condutor da ação e da reflexão, da linguagem e da metalinguagem. Há uma diminuição ao extremo da distância entre o autor/narrador que tudo sabe e conhece da história e tudo pode sondar, inclusive a vida mental das personagens. Assim,

Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei, embora obrigado a usar as palavras que vos sustentam. A história – determino com falso livre arbítrio – vai Ter uns sete personagens e eu sou um dos mais importantes deles, é claro. (p.17)

O narrador dispõe da história do ser objetivado, efetuando sua reconstituição explícita e cognitiva. Os personagens pouco pensam, pouco refletem sobre a existência, porque estão vivos apenas no que escreve o narrador. É através de seus olhos e de seus sentimentos que são apresentados os elementos constitutivos da narrativa: os fatos, as outras personagens, os temas e os motivos, as categorias do tempo e do espaço:

Bem, é verdade que também eu tenho piedade do meu personagem principal, a nordestina: é um relato que desejo frio. (p.17)

Na segunda história o narrador é interposto, ou seja, Rodrigo reflete sua vida na da personagem de Macabéa, tornando-se inseparável dela, dentro da situação tensa e dramática de que participam. O narrador prefere o puro relato, contando, descrevendo e retornando ao monólogo. O narrador oscila entre ele e os personagens e o mundo a ser revelado nunca surge em linhas nítidas e definidas. O narrador - personagem tem consciência plena da existência e se angustia ao verificar que sua vida, como a das demais pessoas, se esboroa, e a essência do humano se lhe esvai:

*Acho que não preciso vencer na vida. (p.60)
Estava habituada a se esquecer de si mesma. (p. 60)*

As imagens do insólito e irremediável se interpenetram nas reflexões do narrador, tornando seu relato o reflexo patético da existência dos seres no mundo e do próprio mundo que se dilacera.

Macabéa , ao contrário de Olímpico era fruto do cruzamento de < o quê > com < o quê >. Na verdade ela parecia ter nascido de uma idéia vaga qualquer dos pais fadados. (p.70)

Refletindo-se em Macabéa, com quem se identifica antes mesmo que esta se apresente por inteiro, de corpo presente, Rodrigo também se faz personagem. A sua vida, então, se compõe à medida dessa existência outra, fictícia, da moça nordestina, cujo destino uma "estrela" desfavorável abrevia (ela morre atropelada), toma forma à proporção que, debatendo-se com as palavras, expõe as peripécias as narração:

Voltando a mim: o que escreverei não pode ser absorvido por mentes que muito exijam e ávidas de requintes. [...] Mas desconfio que toda essa conversa é feita apenas para adiar a pobreza da história, pois estou com medo.

Rodrigo é o narrador de Macabéa e protagonista de uma outra história que transcorre cruzada à dela: a história do processo de construção do texto. A partir desse narrador, ao obrigá-lo a projetar-se na figura da escritora também, identificando-se com ela e com ele simultaneamente. O texto é "um jogo de encaixes narrativos", como diz Benedito Nunes: "uma outra presença, que disputa com a do narrador, insinuando-se nessa modalidade de fala: a presença da própria escritora, já declarada na dedicatória da obra".

Somente no terceiro momento, o narrador passa a palavra ao outro. As questões internas ao texto mostram que a condição intelectual do escritor não o salva, que a existência do desejo não salva a personagem, o resultado final é que nem a literatura salva ninguém. A posição do narrador é levada ao paroxismo.

Estou absolutamente cansado de literatura; só a mudez me faz companhia. Se ainda escrevo é porque nada ais tenho a fazer no mundo enquanto espero a morte. A procura da palavra no escuro [...] (p.88)

Com o jogo de "personagem", "narradora" e "autora" a autora provoca o desmascaramento da ficção. Divide sua identidade por entre as várias camadas do texto (Clarice é Rodrigo, que é Macabéa; portanto, Clarice também é Macabéa). Significa assumir-se como uma instância móvel e oscilante, que se "dedica" como "um produto ficcional" ao leitor:

Dedico-me a [...] todos esses profetas do presente e que a mim me vaticinaram a mim mesmo a ponto de eu neste instante explodir em : eu, Esse eu que é vós pois não agüento ser apenas mim... (p. 21)

Esse desmascarar, dividir e desfazer a ficção, esse esvaziamento da identidade, é um recurso destrutivo bem próximo da morte.

O narrador em certo momento (Rodrigo), diz que o escritor deve ser um homem "porque escritora mulher pode lacrimar piegas". (p. 28)

Talvez a questão toda desse livro esteja em a autora querer ultrapassar a voz feminina na voz que narra.

Nesse terceiro momento Rodrigo sofre um deslocamento para dentro do texto, transformando-se simultaneamente em personagem da narrativa que escreve. Tal concepção dá ao texto um aspecto destrutivo e depressivo à narrativa.

Até tu, Brutus?

Sim, foi este o modo como eu quis anunciar que – Macabéa morreu. Vencera o Príncipe das Trevas. Enfim a coroação.

Qual foi a verdade da minha Maca? Basta descobrir a verdade que ela logo já não é mais: passou o momento. Pergunto: o que é? Resposta: não é.

Mas que não se lamentem os mortos: eles sabem o que fazem. Eu estive na terra dos mortos e depois do terror tão negro ressurgi em perdão. Sou inocente ! Não me consumam ! Não sou vendável ! ... (p. 104)

Com a criação do "escritor homem que não chora", Clarice está discutindo seu modo narrativo em que o olhar do narrador pousa sobre as impressões subjetivas da personagem feminina.

A personagem e o narrador se entregam à morte antes mesmo de morrer. *Será essa história um dia o meu coágulo?* (p. 26)

É com a relação entre o foco narrativo e o autor implícito que podemos chegar à visão do mundo que transpira da obra, aos valores que ela veicula dentro da sua temática de cunho psicológico e dentro de sua ideologia.

BIBLIOGRAFIA

- D'ONOFRIO, Salvatore. Teoria do texto. Prolegômeros e teoria da narrativa. São Paulo: Ática, 1995.
- FERNANDES, José. O existencialismo na ficção brasileira. Goiânia: Ed. Da Universidade Federal de Goiás, 1986.
- LEITE, Lígia Chiappini Moraes. O foco narrativo. São Paulo: Ática, 1997.
- LISPECTOR, Clarice. A hora da estrela. Rio de Janeiro: José Olympo, 1979.
- NUNES, Benedito. O drama da linguagem. Uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1989.